

ALFABETIZAÇÃO NA PANDEMIA: UMA ANÁLISE INICIAL

ELIANE BRAZ DA SILVA¹

ANA CAROLINE MARTINS DE SOUSA²

JULIANA ALVES DE ARAÚJO BOTTECHIA³

INTRODUÇÃO FUNDAMENTADA

O presente trabalho visa socializar resultados iniciais das trocas de experiências sobre o trabalho exercido durante o período pandêmico, ocasionado pela Covid-19, especificamente, a partir de fevereiro de 2021, frente a salas de aula de alfabetização. Compondo o cenário mundial em que foram necessárias diversas modificações em todas as esferas sociais, o foco desta pesquisa é comparar o cenário educacional na experiência entre alfabetizadoras graduadas, com especialização no Distrito Federal e Bahia, que tiveram que se adequar a essas mudanças rapidamente, tanto para atender seus estudantes quanto aos familiares dos mesmos, em suas respectivas instituições públicas de ensino.

Assim, a pesquisa teve como base os relatos das professoras sobre os trabalhos realizados como docentes, em torno do tema “desafios da alfabetização com o uso de dispositivos digitais em escolas públicas durante a pandemia da Covid-19 – progresso ou retrocesso?”, a partir

- 1 Especialista em Orientação Educacional, Ensino Especial e Gestão Escolar, pela FACULDADE DE CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO E TEOLOGIA DO NORTE DO BRASIL – FACETEN em parceria com Instituto Superior Multidisciplinar de Brasília, IMPAR - DF, elianebras10@gmail.com
- 2 Especialista em Educação Digital pela Universidade do Estado da Bahia, UNEB - BA, anacarlinsousa17@gmail.com
- 3 Doutora em Educação pela Universidade da Madeira em Funchal/Portugal (UMa) validado pela Universidade de São Paulo (USP), avaliadora do GT 1 do CONBRALE, professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – DF, juliana.bottechia@se.df.gov.br

da escuta sensível em grupo de whats'app e em encontros virtuais por plataforma digitais, estratégias e também instrumentos utilizados pelas alfabetizadoras com suas turmas e os familiares.

A realização dessa pesquisa revelou-se especialmente importante, não apenas por permitir às especialistas apresentarem as realidades enfrentadas pelas famílias, pelas professoras e pelos estudantes mediante os esforços para se dedicar aos estudos frente à pandemia da Covid-19, mas principalmente, por dar voz às especialistas que durante a pesquisa ainda mais solitária puderam contar com apoio mútuo para discutir conceitual e aprofundadamente essas realidades e desvelá-las em busca de soluções. Apesar de a escola ser vista como a solução para a Educação, nesse período, mesmo aliada às tecnologias, muitas famílias se viram excluídas do processo de ensino por não possuírem aparelhos de celulares ou computadores, acesso a pacote de dados, às tecnologias, às condições para realizarem as atividades oferecidas na modalidade remota de forma síncrona.

Mesmo os profissionais da Educação passaram a ter necessidades diversas da sua formação para exercer seu ofício no dia a dia, aprendendo a dominar novos instrumentos, novas ferramentas, conceitos, recursos a fim de serem capazes de suprir a carência imposta pela privação do contato físico por questões sanitárias que se prolongaram por demais no país, tanto que muitos docentes abraçaram esses meios de contato virtual para continuar a ensinar e novas profissões apareceram: you-tuber, vídeo-maker, influenciadores digitais entre outros.

Muitos docentes tiveram que melhorar a qualidade do sinal da sua internet, pois foram necessários aplicativos variados para realização das aulas, gravação, edição e transmissão das mesmas. Ou ainda adquirir um aparelho novo, como foi o caso da imensa maioria dos docentes perguntados pelas especialistas, mesmo que informalmente, em suas instituições.

Ademais, durante o ensino remoto, as necessidades educacionais foram se ajustando pouco a pouco. A escola encontrava-se fechada, pois não somente professores e estudantes, mas o grupo gestor inicialmente, todos, exerciam sua função em home office. Para tirar dúvidas dos estudantes e familiares, os docentes se viram trabalhando em isolamento, precisando de formação continuada e sobrecarregados, inclusive com gastos extras e sem uma carga horária definida, pois

os pais os procuravam fora do seu horário de trabalho, inclusive aos finais de semana e feriados.

Contudo, apesar dessa perspectiva, a educação escolar foi determinante para o ensino de novas habilidades e também foi fundamental para a continuidade do ensino/aprendizagem nas instituições, comprovadamente na perspectiva de Bottechia (2017) que defende *ensino/aprendizagem* não como duas ações distintas, mas na verdade para a autora são indissociáveis, diferentes “do senso comum de que seria possível realizar a ação de ensinar independentemente da aprendizagem do estudante, que é o que muitas vezes fica subentendido em expressões como: ensino-aprendizagem; ensino/aprendizagem, entre outras” (p. 209); em especial no contexto pandêmico, em que por meio da aprendizagem dos estudantes, os professores também aprendem meios eficientes de ensinar naquelas condições.

Isto é, no momento em que aprende, o estudante também ensina e vice-versa, pois os professores aprendem como ensinar com eles, na prática, conforme elucida Freire (1996),

não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. Verbo que pede um objeto direto, alguma coisa – e um objeto indireto, a alguém. Do ponto de vista democrático em que me situo, mas também do ponto de vista da radicalidade metafísica em que me coloco e de que decorre minha compreensão do homem e da mulher como seres históricos e inacabados e sobre que se funda minha inteligência do processo de conhecer, ensinar é algo mais que um verbo transitivo-relativo. Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. Não temo dizer que inexistente validade

no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi aprendido, não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz. (FREIRE, 1996, p. 25–26).

Essa busca por soluções exigiram metodologias próprias para o enfrentando das dificuldades ora de forma peculiar, ora individual, no entanto, sempre no contato virtual com os estudantes e prezando cada uma e cada um em sua realidade, apesar das instituições orientarem atividades de ensino de acordo com o geral, com as necessidades das famílias e de todos os estudantes. Para tal dissonância, foi necessário criar projetos que diminuíssem muitos problemas gerais que não competiam exclusivamente aos docentes como questões com a internet, meio necessário, mas que muitas famílias não possuíam acesso, com quantidade de aparelhos ou pacote de dados suficiente; o da alimentação, já que o lanche não estava sendo consumido na escola e faltava nos lares, entre outros.

Talvez, não só, superando esses limites, mas principalmente devido à existência deles, as trocas de experiências entre as especialistas revelaram ser necessários instrumentos para que a Educação, efetivamente, continuasse a contribuir para a diminuição das diferenças e, consequentemente, da violência nas escolas e nas sociedades (BOTTECHIA e SANTOS, 2009) com a formação do cidadão integral, crítico e participativo, autônomo e empreendedor, mas com iniciativa e alteridade, pois apesar do isolamento, não se pode naturalizar violências diversas, nem que sejam incluídas como uma cultura de identificação em turmas de alfabetização, nem como justificativa para a aceitação de atos abusivos uma vez que em muitas situações as docentes tinham contato com famílias que sofriam com o desemprego, a fome, a miséria, a exclusão social, o desrespeito pela falta do teto ou do cobertor, a revolta pela presença da fome e a ausência dos direitos básicos para viver em sociedade e que por vezes davam indícios de perpetuar nas relações parentais, situações de opressão e violência, sendo necessária a atuação multidisciplinar com orientação e coordenação pedagógica, diretor e conselheiro tutelar.

Mediante tantos fatores como a pandemia; interrupção abrupta do convívio com as professoras, colegas e a cultura escolar; interrupção da rotina diária, inclusive alimentar, bem como a presença constante de

ameaças diárias pelas violências da doença, ou de outros tipos sócio-científico-culturais que precisavam ter os impactos na alfabetização avaliados, segundo as especialistas em suas trocas de experiências.

MATERIAIS E MÉTODOS

Considerando as dificuldades da maioria das famílias nas instituições para os estudantes realizarem as atividades escolares, pois logo de início, foi evidenciado nos grupos de whats'app com os responsáveis que os estudantes em idade das classes de alfabetização não conseguiriam copiar as tarefas do aparelho celular ou outros tipos de aparelhos, utilizados por elas nas aulas remotas, mesmo com auxílio deles, pois, muitos deles também não conseguiriam. Passaram então a ser investigadas quais as circunstâncias desfavoráveis e quais os fatores que poderiam prejudicar o ensino durante as aulas remotas, bem como que metodologias haveria para superar essas dificuldades relatadas entre as experiências trocadas pelas especialistas?

Assim, as especialistas foram incentivadas a pesquisar sobre suas próprias práticas buscando fundamentação teórica e disponibilizando formulários com perguntas a fim de desvelar os cenários e as conjunturas em que a alfabetização passou a se dar devido ao surto mundial do coronavírus de SARS-CoV-2, para fazerem uma análise inicial dos desafios pedagógicos enfrentados e com quais tecnologias educacionais, poderiam ser superados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Muitos pais/ responsáveis trabalhavam fora e não encontravam um horário compatível para auxiliar seus filhos/ estudantes da alfabetização. Os problemas domésticos também afetaram muito a realização das atividades. Assim, decidiu-se reproduzir cópias em preto e branco para entregar as atividades para as famílias carentes de recursos tecnológicos digitais, recorrendo ao antigo recurso da “xerox” e oferecer ainda, as avaliações presenciais para as mesmas, voltando a abrir a escola e a trabalhar presencialmente, apesar da pandemia da Covid-19.

O formulário de questões foi apresentado por meio de um link, disponibilizado no grupo do whats'app com questões direcionadas, como se fosse uma entrevista semiestruturada. A primeira questão

abordava sobre que outro tipo de assistência o docente ofereceu aos estudantes e foi respondida indicando que essa assistência era feita de diversas formas, por telefone em ligação comum, em vídeo-chamada, com horário pré-determinado com os pais, independente do horário de trabalho docente ou até mesmo presencialmente, utilizando-se todo o protocolo de segurança conhecido.

Mesmo assim ocorreram contágios e mortes na comunidade.

Quanto ao despreparo de todos para o enfrentamento da situação, foi evidentemente um obstáculo ao ensino/aprendizagem dos estudantes, principalmente as crianças da educação infantil e no ciclo de alfabetização, pois nesse período é que precisam de muito suporte, conhecimento e atenção profissional, então, mesmo aqueles que tinham os pais auxiliando nas atividades, não lograram êxito total, pois os responsáveis não sabiam como fazer as intervenções necessárias. Em alguns casos, o processo educativo ficou prejudicado e os professores ainda mais sobrecarregados para desfazer equívocos e ensinar seus estudantes e os respectivos responsáveis também.

Quando questionado sobre outras dificuldades, os pais citaram a evasão escolar, justificada pelas dificuldades em fornecer os recursos digitais e o acesso para o uso dos vários filhos num mesmo horário escolar, bem como disponibilidade própria, pessoal para auxiliar a todos, nesses dois anos de pandemia no qual o ensino foi remoto.

Tanto que os reflexos negativos foram perceptíveis no retorno híbrido e hoje, no retorno de volta ao presencial, pois, muitas delas não sabem como agir nem se comportar em sala, em interação com a professora, com os colegas, ou com as regras escolares, devido à realidade que vivenciaram. Os relatos das especialistas corroboram que as crianças que se encontravam no processo inicial de aprendizagem demonstravam pouco ou nenhum conhecimento do que é ser estudante, não se comportam como tal porque não tiveram uma rotina durante a realização das atividades escolares em suas casas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A troca de experiências entre as especialistas concluiu que para além do inusitado com a pandemia do coronavírus de SARS-CoV-2, foram criadas dificuldades outras, ímpares que sobrecarregaram os docentes sobremaneira, pois, além de ligar regularmente a cada um

dos responsáveis com recursos próprios, para “tirar dúvidas” a fim de auxiliá-los a auxiliar os estudantes nos estudos remotos, também cobravam as atividades atrasadas e manifestando o feedback dos resultados das tarefas de casa e avaliações realizadas com os estudos feitos sob a supervisão dos responsáveis em casa, gerando desconforto e cansaço físico e mental.

Tanto que houve relato de queixa de pais com reclamação pela baixa nota dos filhos devido à falta de explicação do professor, o que não se fundamentava, uma vez que tanto o docente esteve à disposição para “tira-dúvidas” como no decorrer do horário de aula, não havia manifestação nem por parte dos alunos nem dos seus responsáveis. Os vídeos de estudo foram compartilhados depois de visionados em conjunto e explicados pela docente em aula, então, as experiências trocadas pelas especialistas ao avaliar o nível de desconexão das respostas em relação ao que era proposto, ou havia um comprometimento dos responsáveis que expunha a aprendizagem dos estudantes ao dano, ou não haviam assistido às explicações, uma vez que as respostas das atividades não correspondiam com as explicações dadas nas videoaulas.

Tanto assim que, de forma geral, considerando os que participaram da fase inicial nesta modesta pesquisa para fundamentar um relato de experiência, houve o aceite das famílias para com as aulas online nessas circunstâncias e com a perspectiva de volta, pois, embora os docentes enfrentassem dificuldades de ter um retorno positivo de todos os pais e responsáveis, havia aqueles que interagiram com as aulas durante a ocorrência das mesmas online, acompanharam os filhos para assistir posteriormente às aulas postadas e criavam uma rotina para atuarem junto à suas crianças.

Portanto, foram inúmeras as circunstâncias que se revelaram desfavoráveis ao ensino/aprendizagem durante as aulas online, na perspectiva das especialistas, sendo que dentre os fatores predominantes ao prejuízo do ensino, entre as experiências trocadas pelas especialistas, seria a impossibilidade desses responsáveis conseguirem auxiliar no processo pedagógico e estabelecer os limites dos combinados na perspectiva de uma cultura escolar.

Assim, ao pesquisar sobre suas próprias práticas, as especialistas, contudo, apesar dessa perspectiva de contratempos e dificuldades a educação escolar potencializou-se como objetivo fundamental para

muitas dessas famílias, talvez por possibilitar mudanças disruptivas e realizarem a implantação de uma cultura da paz com projetos que abordam “um conjunto de valores e habilidades baseadas no respeito, na igualdade e na dignidade de todas as pessoas” (NUNES, 2011, p. 10) ao invés de violências diversas.

Essa busca por uma cultura de paz, bem como as experiências trocadas pelas especialistas, passou a inspirar e provocar soluções que colocadas em práticas motivaram as professoras e seus estudantes nas instituições, apesar das adversidades e a mostra realizada dos resultados iniciais, foi autorizada pelos responsáveis, bem como as incentivaram a continuar os estudos, aprofundando e avançando na área, a fim de realizar com maestria o ensinoaprendizagem.

Por sua vez, em relação às aulas remotas em pleno isolamento da pandemia, os docentes também revelaram ter sentindo alterações físicas e emocionais durante as aulas online e todos concordam que não tiveram um acompanhamento satisfatório para atuarem na nova realidade. Tiveram que adquirir novos aparelhos, redes de conectividades, transformar suas casas em sala de aula, sem nenhuma ou com pouca orientação também de forma remota, para inovar, pesquisar e trabalhar, sendo que houve relatos de ajuda de custo parcial e em algumas localidades para que os profissionais pudessem melhorar a internet. Recurso esse que foi muito bem vindo, embora não foi retroativo e durou apenas dois meses, em outros locais.

Palavras-chave: Alfabetização, Pandemia, Análise inicial, Desafios pedagógicos, Tecnologias educacionais.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos professores, estudantes das turmas de alfabetização e seus responsáveis que autorizaram o uso das imagens para fins acadêmicos, pela disponibilidade de participarem da pesquisa respondendo o questionário e trocando experiências, bem como pela orientação da Prof^a. Dr^a. Marizângela Aparecida de Bortolo Pinto do Comitê de Ética do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - IFG, Câmpus Luziânia e de todos que de alguma forma colaboraram direta e/ou indiretamente na obtenção de informações importantes para esse Relato de Experiência.

REFERÊNCIAS

BOTTECHIA, J. A. de A. Cultura Química: uma experiência extensionista na UEG Formosa por meio da abordagem baseada em problemas no ensino-aprendizagem. *In*: GUIMARÃES, D. N. e AMARAL, S. C. de S. (Orgs.) **Educação, Cultura e Sociedade: diálogos interdisciplinares**. p: 200-219. Campos dos Goytacazes, Editora Brasil Multicultural, 2017.

BOTTECHIA, J. A. de A.; SANTOS, W. L. P. dos. Cultura Química e a Prática do Professor: um desafio a ser transposto. *In* **Anais. VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – ENPEC**, 08 a 13 de novembro de 2009. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1996.

NUNES, A. O. **Como restaurar a paz nas escolas**: um guia para educadores. São Paulo: Contexto, 2011.

SANTOS, M. L. C.; BOTTECHIA, J. A. de A. O Uso da Metodologia ABP no Ensino de Ciências/Química com foco no ensino-aprendizagem. *In*: OLIVEIRA, A. C. de. **Reflexões em Ensino de Ciências**. Vol 3. Ponta Grossa: Editora Atena, 2018. p. 208-219. Disponível em: < https://cdn.atenaeditora.com.br/artigos_anexos/14_8d1c2bd5fa5c7c2bbdd7f65797e29f60e8b71b2.pdf> Acesso em: 10 abr. 2022.